

Adelmo Oliveira

O Som dos Cavalos Selvagens

(Salvador, 1971)

Fac-símile da edição original
por Renato Suttana

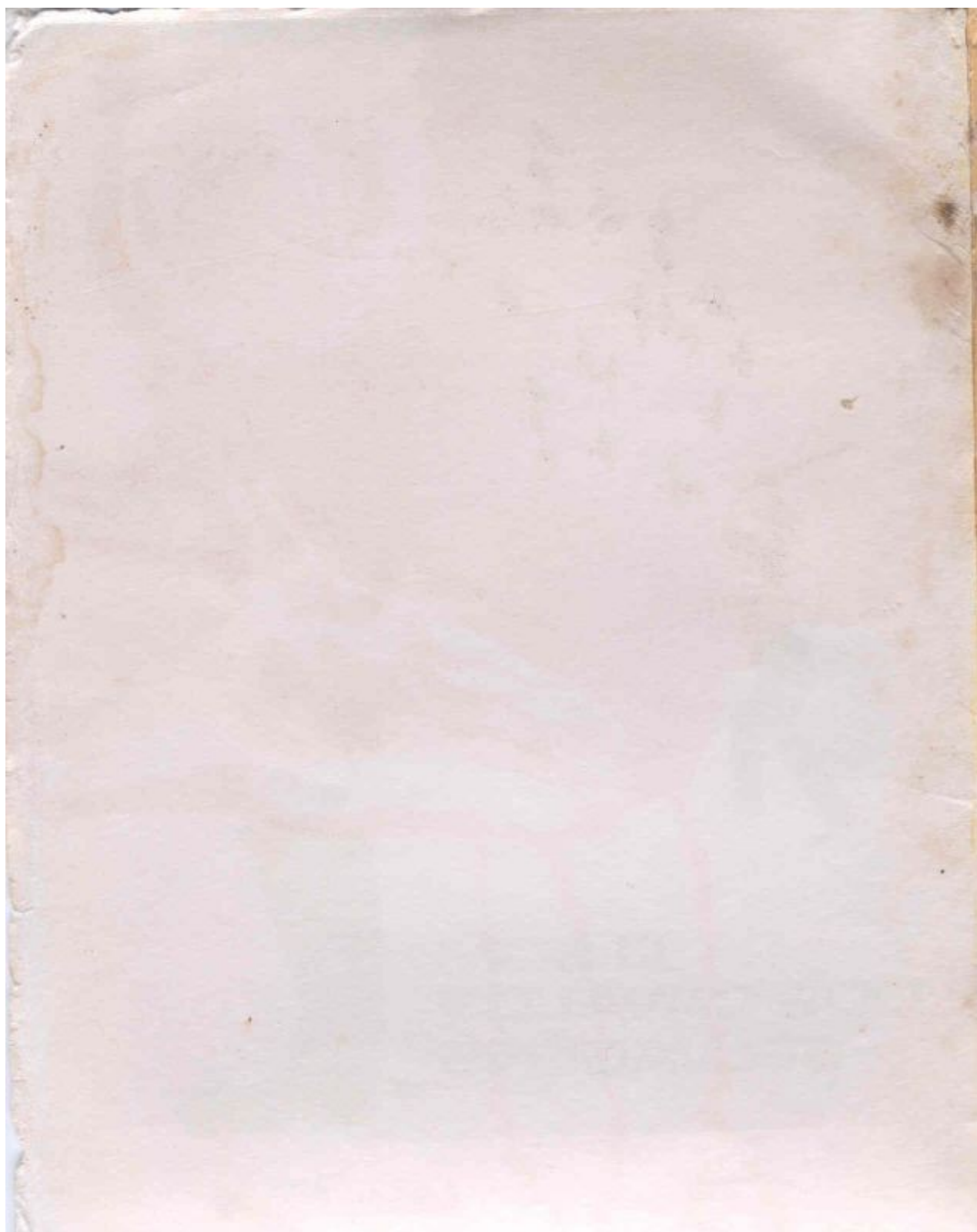
(reproduzido com autorização do autor)



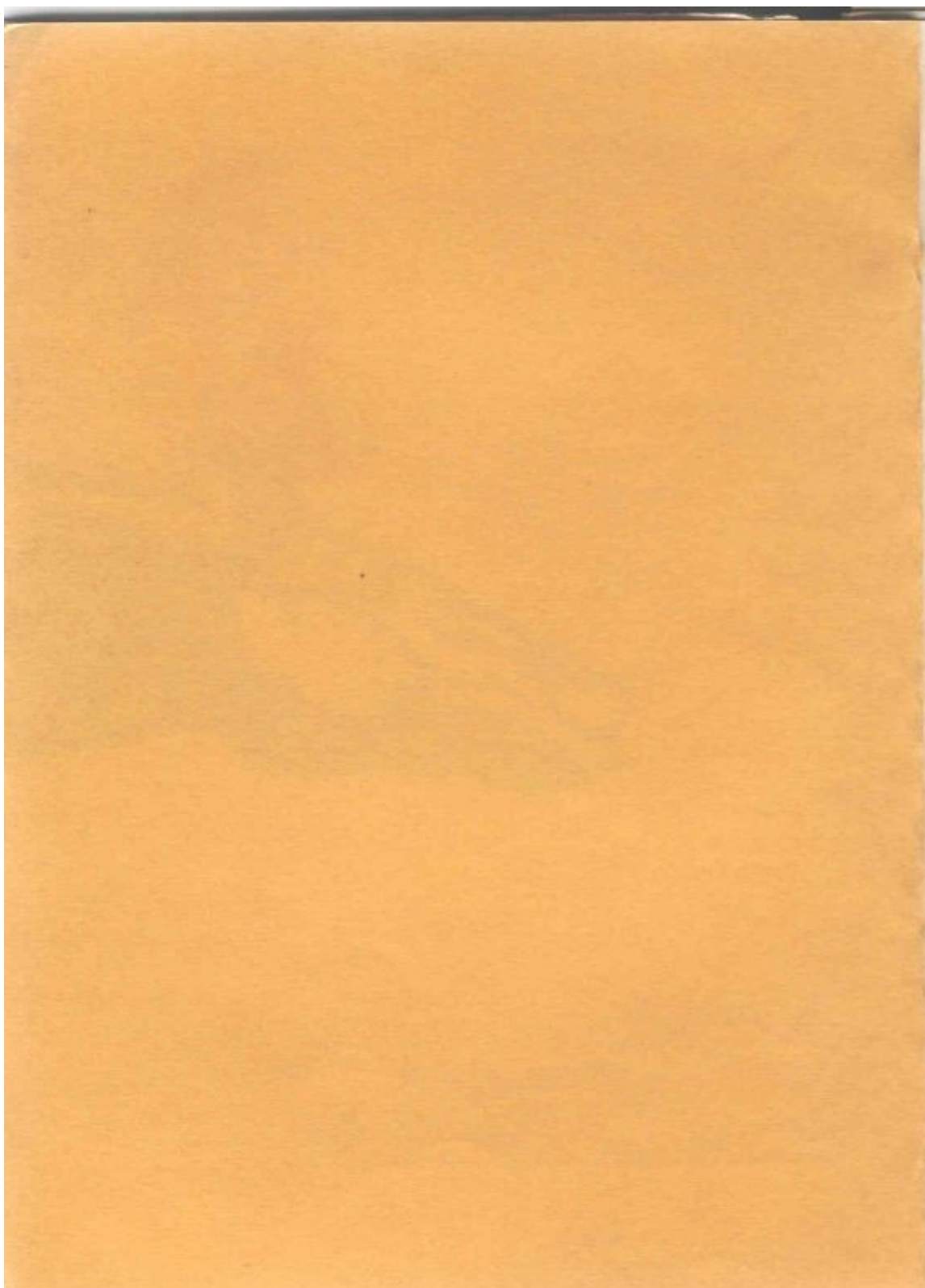
http://www.arquivors.com/adelmo_osomdoscavalos.pdf

2010









BIOGRAFIA

Adelmo Oliveira

Nasceu em Itabuna (Bahia) em 1934. Estudou no Ginásio Augusto Galvão, onde criou um jornal, órgão de suas primeiras publicações. Publicou em 1960 o seu primeiro livro de poesias: "O Canto da Hora Indefinida", com capa em xilogravuras de Calasans Neto (edição recolhida).



Nesta fase, publicou diversos ensaios, poesias e artigos em jornais literários de Salvador. Um destes estudos foi bastante discutido na época. Trata-se de "Rota de Mira-Celi", uma análise crítica sobre o poema de Jorge de Lima.

Conquistou o Prêmio Nacional Luís de Gôngora com o ensaio "Gôngora e o Sofrimento da Linguagem" (Júri: Manoel Bandeira, Austragêsilo de Athayde, José Carlos Lisboa e Pio de Los Casares). Formou-se em Direito em 1966, pela Universidade Federal da Bahia. Em 1966, publicou "Três Poemas", com ilustrações de Nacif Ganem e orientação Gráfica de Emanuel Araújo.

CAPA: Francisco Liberato

"20 POEMAS DE ADELMO OLIVEIRA"

"O SOM DOS CAVALOS
SELVAGENS"

Para,

Francisco Pinto,

D. Timóteo Amoroso Anastácio

e Sérgio Amado

POEMA NARRATIVO Nº 1

*O poeta converte a chuva e o sol
em calmaria e tempestade.*

*Rompe a madrugada no tempo
e abre o friso claro das eras.*

*Mistura-se ao pó das revoluções
e pede solução ao futuro.*

POEMA NARRATIVO II

*A bomba explode no oceano
e atira lágrimas de fogo
(o homem treina para morrer).*

*Um canto de poesia fria
brota, mirrado, entre os cardos*

*Ponho o ouvido no chão
e a mensagem de guerra
me vem de tôdas as partes*

Bahia, Ano de 1967.

CANTO AGRÁRIO PARA O TEMPO PRESENTE

"Rintrah roars & shakes his fires in
the burdern'd air;
Hungry clouds swag on the deep".

William Blake

*Convido-vos, amigos, a preparar a terra;
o campo está novamente inculto.
O tempo quis esta divisão de fronteiras
e, agora, o que vemos
é este grande deserto:*

*plantas agrestes,
cactos,
vegetais de maninha duração
e parvas figuras,
dominando outeiros, vales e colinas.*

*A manhã é um crepúsculo,
onde circulam pássaros
de vôo rasante.*

*O vento até mudou de direção;
a agulha não aponta para o Norte
A bússola partiu-se: era de vidro.*

Diante dos olhos:

*um montão de cinzas
e de rosas mutiladas*

Por toda parte:

*lírios pisados
por sapatos de ferro;*

Entre os dedos:

*(visão perplexa),
um embrião natimorto,
fruto da primeira esperança.*

Além, um horizonte vazio.

Embaixo, um mar coalhado de insetos.

*A luta renasce, porém,
como uma flor de sangue
entre duas fronteiras.*

*A palavra semeada,
inscrita nas ruas,
sob o calor do trabalho,
não foi colhida;
permanece intacta,
suspensa no ar,
à espera da colheita,
que pode surgir.*

PEQUENA CANÇÃO DO PORTA-ESTANDARTE

Escrevo teu nome
nas paredes e no chão,
nos passeios, nas esquinas
e nos muros do cais
escrevo teu nome.

Não é sede de vingança.
Não é ânsia de terror.
Não é fuga ao desvario.
Não é escape de angústia amorosa
nem murmúrio de sentimentos dissolutos.

Escrevo teu nome
em pleno hall das casas pias,
no pátio dos conventos,
no frontispício das igrejas
e, também, nos lugares
em que a inércia
brota como planta daninha.

Avise ao amigo,
ao vizinho, ao soldado,
ao funcionário público,
aos presos, aos proscritos,
aos operários em geral,

*Escrevo teu nome
como quem vê no sangue
a força pura da vida.*

*Escrevo teu nome
como quem prega a paz
e busca a felicidade.*

CORREIO DA AMÉRICA

"I, too, sing, America"

Langston Hughes

*O pássaro está planando.
- Rápido, as palavras cruzam;
O vento traz as notícias
- de Santiago do Chile
a Santiago de Cuba.*

*Telégrafo ou teletipo,
em boca, se transfiguram;
As vozes se comunicam
- de Santiago do Chile
a Santiago de Cuba.*

*Mensagem de novo código:
tinta, papel e gravura;
A dor não muda: é antiga
- de Santiago do Chile
a Santiago de Cuba.*

Linguagem cifrada ou clara:
- flor, poesia ou discurso;
A morte se multiplica
- de Santiago do Chile
a Santiago de Cuba.

O trem parou na fronteira.
- A fome, o medo, o tumulto;
Armas de guerra inimiga
- de Santiago do Chile
a Santiago de Cuba.

Devagar, a aurora avança
e afia punhais de luz;
Mão que o itinerário risca
- de Santiago do Chile
a Santiago de Cuba.

POEMA-ELEGIA A MARTIN LUTHER KING

*Chove no Estado de Nova Iorque.
O vento, em fúria negra,
Varre o pátio da Casa Branca
E lança línguas de fogo
Nos arranha-céus de vidro
De Chicago, Detroit e Mênphis.*

*Vejo, agora, profunda
Aquela bala vadia
Penetrar o corpo
de Martin Luther King
Desenhando uma estrela de sangue.*

*Os homens brancos
São sombras negras,
Não ressuscito os guetos do III Reich.
Há quem atire pedra nas flôres
E esqueça, de ontem, os fatos na memória.*

*Lã, junto ao cais,
Na escola e nas oficinas
E no contar frio das horas
As crianças negras da América
Não dobrarão as cabeças em silêncio.*

*Chove no Estado de Nova Iorque.
A paz é uma cruz
Fincada na aurora
Pelas mãos do século.*

O SOM DOS CAVALOS
SELVAGENS

Dentro da noite
e pelo dia
um eco surdo
de ventania

Sobe a montanha
transpõe o vale
a fúria avança
a sombra invade

Marca no tempo
finas esporas
um catavento
no fio das horas

Patas de ferro
porta fuzis
deixa no vento
a cicatriz

Dentes de faca
olhos de fogo
cuspindo raiva
do próprio rosto

*Destrói cidades
e espanca a luz
por onde passa
finca uma cruz*

*Tempo de guerra,
êste é meu tempo
cavalos de ódio
no pensamento.*

RETRATO

Para Georgecohama

*No comício das palavras
quebro facas de silêncio
escuto a lição que fala
- do poeta e camarada
Vladimir Maiacovski*

*A chave na mão, destranco
a fechadura da porta
da oficina iluminada
- do poeta e camarada
Vladimir Maiacovski*

*As palavras são batidas
como ferro, na bigorna
nítidas como a figura
- do poeta e camarada
Vladimir Maiacovski*

*Repetidas na gravura
como lâminas sonoras
saltam ardentes do cérebro
- do poeta e camarada
Vladimir Maiacovski*

*Fôlhas escritas na mesa
- idéias como fuzis,
recorto a face de prata
- do poeta e camarada
- Vladimir Maiacovski*

Meninos do Liceu Operário,
formai colunas por um e por dois
tomai ordem unida
e batei continência
atrelai aos ombros os vossos tambores
e marchai pela encosta em direção da manhã

Vossas mãos
(cheias de cicatrizes)
se desenhavam
na armadura dos arranha-céus;
vossos pés
caminham sôbre abismos
vosso corpo
absorve o calor da for

Sêde, agora, um porta-estandarte
em cada beco ou avenida
e inscrevei nas bandeiras
novas palavras de ordem.

Olhai a lição
escrita nos livros
e na parede das ruas

Aprendeí a cantar a liberdade
para que não murchem
as rosas da primavera.

Meninos do Liceu Operário
preparai devagar
a chegada da aurora.

SINOS DE DEZEMBRO

Não compro amores
nem vendo flôres
quebro as palavras
na própria página

A rima é inútil
no que assemelha
ora é um espelho
do próprio espelho

Ora é um espantalho
dos próprios passos
ora é a esfinge
do que pareço

Afasto, então, as miragens
que, no fundo, me cercam
sombra de minha sombra
que de mim se perdem

Não me consome
a ventania
que varre as ruas
e comove os sinos

*Sou uma criança
que nasceu crescida
lendo pela janela
as cores da fantasia.*

FRAGMENTOS DE UM MANUSCRITO

Nasci em Da-Nang
não conheço outros lugares
meu pai morreu na valeta
minha mãe subiu nas sombras do Napalm

Minha casa saqueada
em flôres de minério
é uma arquitetura de chamas

Devia ter nascido na Sibéria,
no Polo Norte ou nas regiões geladas
e, no entanto, sou filho de Da-Nang.

Em espinhos e cravos
ou larvas de gelatina;
não tenho onde pisar.

Vejo, sômente vejo
cavalos do ódio
trafegar nas esquinas:
são ruídos de máquinas invasoras.

(A metralhadora cospe
o talo sêco dobra
estou surdo de bombas
um morteiro caiu perto de mim
- já enterrei meus irmãos).

.....
.....

Não rio, não choro
nem gasto palavras
tenho a esquerda decepada
mas luto com a outra mão.

2a. P A R T E

DUPLA FACE

Vidente ou cego, o tempo vejo
e ao fio das horas me debruço;
quanto mais rio, o lábio mordo
quanto mais choro, fico mudo.

Corrente ou poço eu me concebo
que mundo sou em dupla face?
vejo neste espelho que nego
um semblante de outro que nasce.

ODE

Meu corpo não é meu.
Meu corpo não é teu.
Meu corpo se muito for,
Meu corpo será da terra.

O tempo é feito de cores
naquilo que sentimos
liricamente escorrer
entre os dedos das mãos.

Nada de fantasia.
A hora é tãda feliz
se depois de vivida
tentamos reavê-la.

Nada de puro tédio.
O amor é sempre o amor:
nasce quando até pensamos
que êle, em nós, pereceu.

ELEGIA NEGRA

*Na cidade das sombras
o silêncio recolhido
é um oceano gelado
- de riso que não é riso*

*Corto a memória e desmaio,
meu canto se perdeu nas ruas
quebro a visão em pedaços
enquanto permaneço em fuga*

*Com as palavras na boca
quero gritar, não posso;
as mãos paradas no peito
- o espanto nem me comove.*

*Levo comigo as ruínas
nado contra rios e marés
colho as dores - uma por uma
- como vingança do céu*

*Na cidade das sombras
por avenidas escuras
- escuras ruas da alma
- escadas de amargura*

*Largo a esperança e tropeço
em véspera do amanhecer,
caminho dentro das sombras
- na profundidade do ser.*

SÃO FRANCISCO DE PEDRA E SAL

*São Francisco de pedra e sal,
teus olhos brancos já não movem
as almas crentes que te miram.*

*Teu coração de pedra morta
jaz oculto, atrás do tórax,
vazio de todo sentimento.*

*As procissões se calam mudas
pelo calçamento das ruas,
cheias de gente e de silêncio.*

*Ninguém quer mais cantar o ofício
de tuas preces lacrimais.
A lágrima secou nos olhos;
a crença se vestiu de pedra.*

SONETO DA VÉSPERA

Para meu pai, ausente.

*Passo de um ano para outro: envelheço.
A face contra o espelho agora diz
que já não sou o mesmo e a cicatriz
fica no tempo: é tudo que mereço.*

*Assim, este meu rosto é o enderêço
das minhas dores. Pego, então, de um giz
tento riscar um número infeliz
de aventuras: são tantas que me esqueço.*

*Recolha a face, o espelho parte. Em mim
cai lento um mar de múltiplas lembranças:
em tôdas elas sempre fui herói.*

*Fiz guerrilha de rua contra rua;
fui campeão de tôdas as corridas,
hoje, sou homem feito e isto me doi.*

POEMA DA CIRCUNSTÂNCIA

Um russo morreu no céu.
Onde será o entêrro?
As flôres lá não chegam
para ornar o caixão do morto.

Certo, não haverá dobre de sino
nem cânticos da Ave Maria.
O carro fúnebre ficou parado
à porta da casa mortuária

O coveiro não foi abrir a sepultura:
permaneceu de pé, estático
com o olhar perdidamente no azul.

CARTÃO POSTAL

Achei, Amiga, o verso e a palavra
- Instrumentos de trabalho,
Do pensamento e da memória.

Não é inspiração, nem canto vago
Nem cismas do cair da tarde
Nem fuga de lembranças mortas

Não é o quintal de minhas dores
Amadurecidas na sementeira das horas,
E iluminada na fagulha das chamas

Não é a chegada da primavera
Desenhada na brancura das rosas
- Um céu partido em duas metades

Não é o tempo quebrado no silêncio
Que recolhe em mim o azul
Perdido na pureza das cores

Não é, também, a sombra passageira
que persegue os caminhos e paradas
Assustando, de leve, a solidão.

· Achei, Amiga, o verso e a palavra
Nos teus olhos, no teu corpo,
Nas tuas mãos e na tua alma,
Como, outrora, no céu, a Estrela da Manhã.

CANÇÃO DA NOITE

*É madrugada na praça.
O susto da ventania
varre papéis na calçada
no céu, a lua dormia.*

*Vejo a visão de seus olhos
no coração, como um dia.
Se lá fora a estrêla morre
em mim ela renascia.*

*Meu canto é uma rosa em transe
impresso em côres de aurora
navega além da esperança
no amor que se foi embora.*

*É madrugada na praça.
Atrás, ficou a alegria
a saudade é flor de mágoa
dentro da melancolia.*

SONETO LIVRE

*Vi a manhã nascer nos teus olhos.
O mar era um manto de crepe azul.
O tempo escorria entre os meus dedos
mas na tua face um emblema nascia.*

*Via a estrela cair no dorso da água:
era um cavalo-marinho entre as espumas.
O peixe-pássaro era uma lâmina de sol
cortando a visão na claridade do dia.*

*Vi, então, a tristeza morrer nas côres.
Via a solidão amortecer na praia.
Via a memória adormecer na areia.*

*Via a espuma cada vez mais alva.
Via a sombra cada vez mais rara.
Vi o amor nascer aqui na tua alma.*

